

VIDAS IRMANADAS: UMA ARQUEOLOGIA¹

Vivian Catarina Dias (PUC-SP)²

Resumo: Neste artigo traçamos uma arqueologia de estudos darwinianos como a filiação comum das espécies e o fato de que a diferença entre humanos e não humanos reside numa questão de grau, e não da natureza. Consoante o filósofo Peter Singer, um dos expoentes do Animal Studies, surgido na década de 1970, essas concepções produziram uma revolução no campo intelectual. Dessa forma, analisamos a expressão das emoções no homem e nos animais, publicada em 1872 por Charles Darwin, delineando sua abrangência conceitual, a relação com as artes e a analogia entre a vida emocional de animais humanos e não humanos.

Palavras-chave: Darwin; humanos e não humanos; estudos animais; ética.

Introdução

O livro que desencadeou uma revolução. Eis como nos é apresentada recente edição da mais conhecida obra de Peter Singer, *Libertação animal*, de 1975. A afirmação procede e esta revolução na percepção ética da relação humana com os outros animais desencadeou alterações nos hábitos de consumo, no tratamento destinado às espécies comerciais, em nossa atitude em relação ao sofrimento e à crueldade cotidianamente infligida aos não humanos. Alteração que não possui a velocidade e a amplitude desejadas, afinal nosso sistema econômico não é bom anfitrião da ética, mas, ainda assim, uma mudança perceptível.

Não obstante toda a potência analítica existente no livro de Singer, nos interessa para esse texto uma afirmação específica ali contida e que nos remeterá a

¹ Este artigo é um excerto reformulado do capítulo “A expressão das emoções no homem e nos animais” de minha dissertação de Mestrado intitulada: *A sinfonia da natureza: Charles Darwin e as origens*, defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP em maio de 2015.

² Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; pesquisadora do Núcleo de Estudos da Complexidade (Complexus), da PUC-SP, coordenado pelo Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho. E-mail: catarinavivian@gmail.com

outro grande pesquisador. O filósofo australiano salienta que o ponto de inflexão primordial no modo pelo qual o ser humano pensa sua relação com o mundo natural ocorreu com Charles Darwin: “Assim, começou uma revolução na compreensão humana sobre a relação existente entre nós e os animais não humanos... ou não?”. A dúvida que completa as reticências não questiona o objeto direto “revolução”, apenas seu complemento, como inferimos de outra assertiva no mesmo excerto: “Do ponto de vista intelectual, a revolução darwiniana foi revolucionária” (Singer 2009: 299).

Revolução intelectual ocasionada pela *Origem das espécies* (1859), mas alcançada sobretudo com a *Origem do homem* (1871) e *A expressão das emoções no homem e nos animais* (1872). O apreço de Singer pela obra de Darwin denota-se em seus escritos, e somos capazes de afirmar ser o naturalista inglês um dos grandes provocadores teóricos para a construção ética do pensador australiano. Todavia, em *Libertação animal*, Singer preocupa-se mais com o porquê de a revolução darwiniana não haver se espalhado para a compreensão humana, questão cuja reflexão lhe ocupa parte do capítulo “O domínio do homem”.

Neste trabalho, contudo, observaremos a outra parte da sentença: “Assim, começou uma revolução”. Por quê? O que podemos encontrar na obra de Charles Darwin que legitima a afirmação de Singer? Seria ela ainda atual ou o tempo subtraiu a condição de validade de suas ideias, tornando-a anacrônica? Sabemos, inicialmente, ter sido o naturalista vitoriano o primeiro a fundamentar cientificamente que as diferenças entre humanos e não humanos são apenas quantitativas (de grau) e não qualitativas (de tipo), tornando-se um poderoso alicerce para as possibilidades filosóficas e éticas avolumadas posteriormente com os *Animal Studies* e a luta em favor do direito dos animais. Afirmação colhida do próprio Singer.

Todavia, para avançarmos no entendimento da obra darwiniana, nos motivos que lhe outorgam o adjetivo revolucionário e em seus potenciais para os estudos atuais sobre ética e direito dos animais, precisamos retirar-lhe a poeira, pois há muito jaz esquecida pela academia; precisamos limpar-lhe os contornos, trazê-la novamente a lume, empreendendo uma metodologia arqueológica que exponha seus méritos e vícios. No entanto, na impossibilidade de nos debruçarmos sobre todo o conjunto da obra darwiniana, nos deteremos sobre livro específico e o mais importante para o assunto em debate: *A expressão das emoções no homem e nos animais*.

A expressão das emoções no homem e nos animais

O homem é grande, muito grande,
 mas eu o estreitarei
 (Dostoiévski)

No século XIX, avolumaram-se os movimentos contra os maus-tratos aos animais, especialmente cães, gatos e outras espécies domésticas, surgindo várias entidades e personalidades protetoras. Dentre elas, destacam-se a anglo-irlandesa Francis Power Cobbe (1822-1904), uma das fundadoras da *Victoria Street Society for the Protection of Animals Liable to Vivisection* (SPALV) na década de 1870, e que alguns anos mais tarde passaria a ser conhecida apenas como *Victoria's Street Society* (VSS); e Fanny Bernard, uma das responsáveis pela fundação da sociedade protetora dos animais francesa na década de 1880.

Os vários movimentos contrários ao uso de animais em experimentos científicos, ao abuso de animais domésticos e daqueles utilizados nos serviços pesados, como cavalos e bois de tração, pretendiam sensibilizar tanto as entidades que os utilizavam na vivisseção quanto a sociedade em geral. Pelo fato de serem escassos os estudos sobre sentimentos em outras espécies animais que não a humana, esses movimentos baseavam-se, em sua maioria, na sensibilização por meio das experiências de convívio com os animais.

No meio científico, pouca importância era atribuída à dor e ao sofrimento dos animais ou as suas formas de expressar emoções. Anatomistas e fisiologistas da época, como Charles Bell (1774-1842), utilizavam os animais apenas para contrastar aquilo que classificavam como instintos, ou ações volitivas, com as expressões elevadas do ser humano civilizado, europeu. Da mesma forma, expressões de deficientes mentais, pessoas consideradas loucas ou selvagens, eram utilizadas para essas analogias.

No século XIX, excetuando-se alguns pensadores, como Jeremy Bentham (1748-1832), para quem o fato de saber se os animais pensavam ou não importava muito pouco diante do dever moral dos humanos em sentir compaixão pelo sofrimento dessas criaturas, e apesar de os movimentos contra maus-tratos aos animais motivarem cada vez mais pessoas a se manifestar, ainda eram incipientes as discussões nos meios especializados das ciências naturais ou da filosofia.

Somente após a publicação, em 1859, de *A origem das espécies*, de Charles Darwin, a questão sobre a correspondência da vida emocional de humanos e não humanos começou a ser debatida nos meios científicos. Contudo, mesmo nessa obra, Darwin faz apenas um brevíssimo aceno sobre o fato de que a psicologia evolutiva poderia lançar luz sobre a questão da filiação comum entre homens e animais.

Em 1871 Darwin publica o polêmico *A origem do homem e a seleção sexual*, no qual introduziu conceitos, seleção sexual foi um deles, para explicar relações e afinidades entre membros de mesma espécie; e atribuiu conceitos de solidariedade, mutualismo, simbiose, predação, entreaajuda e outros como características comuns a várias outras espécies animais; asseverando sua questão mais polêmica: afirmar de modo inequívoco que “o homem possui ainda, na sua estrutura corporal, a marca indelével da sua origem inferior” (Darwin 2009a: 636).

Finalmente, um ano após, sai do prelo *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Como suas outras obras, este livro demandou extensas análises comparativas e bibliográficas, pesquisas *in loco*, questionários aos colegas e amigos ao redor do mundo, revisões de conceitos, consultas a especialistas de diversas áreas além de Darwin observar e registrar reações, gestos e expressões de seus dez filhos desde o nascimento (o primeiro nasceu em 1830; o último, em 1856).

Inúmeras vezes Darwin visitou o jardim zoológico londrino, conversou longamente com veterinários e cuidadores; observou orangotangos – especialmente Jenny, o orangotango que a rainha Vitória recebeu de presente –, chimpanzés e outros primatas, hipopótamos, elefantes, cobras e diversos outros tipos de animais, sempre acompanhando suas expressões, reações, sentimentos, modos de convivência.

Desde sua viagem ao redor do mundo, feita entre os anos 1831 e 1836, já apareciam em seu Diário anotações sobre a expressão de emoções em humanos e não humanos. No Brasil, impressionara-se com certa espécie de pequena aranha, que,

assustada, “ora finge que está morta, esticando as pernas da frente, ora se deixa pura e simplesmente cair da teia” (Darwin 2009b: 48). Nos pampas argentinos, notara que os guanacos preferiam certos locais para morrer, normalmente próximos de grutas ou rios e que, mesmo feridos, arrastavam-se até os sítios onde ossadas de guanacos se acumulavam aos montes.

Na Patagônia, anotara suas impressões sobre os fueguinos, o espetáculo mais curioso e interessante que já vira: “Quanto às suas atitudes, eram abjetas, e mostravam nos semblantes uma expressão receosa, de inquietação e surpresa” (Darwin 2009b: 182).

Noutra passagem do Diário, descreveu os mugidos dos bois:

Depois de o touro ter sido arrastado para o sítio onde será abatido, o matador corta-lhe cautelosamente os jarretes. É então que o animal solta o mugido da morte - um som que exprime a mais feroz agonia mais fortemente ouvida do que tudo o que conheço; ouvi-o muitas vezes a grande distância, e soube sempre que o combate terminava nesse momento. Tudo em redor é horrível e repugnante: o chão é praticamente feito de ossos; e os cavalos e cavaleiros, estão cobertos de sangue (Darwin 2009b: 116).

Após anos trabalhando paralelamente com a questão das expressões das emoções, seus estudos o levaram a contrapor a tese de Charles Bell (1774-1842), que distanciava as expressões dos animais humanos das pertencentes aos não humanos. A estes últimos, Charles Bell sequer admitia que tivessem expressões, apenas atos volitivos, ou instintivos, fixos.

Darwin, observando fotografias de expressões faciais realizadas pelo fisionomista francês Dr. Guillaume Duchenne (1806-1875), verificou haver muitas questões sobre a expressão das emoções não respondidas, às quais eram atribuídos exclusivamente atos instintivos, imutáveis e sem relação entre as diferentes espécies, como se cada músculo da face humana tivesse sido criado com uma finalidade (ou um desígnio divino) específica e invariável.

A maioria dos estudos sobre a fisionomia em animais e humanos continuava a valer-se da ideia da criação independente das espécies, e das funções específicas e imutáveis dos órgãos do corpo e, nesse caso, dos músculos da expressão; resultando na ideia de que apenas os humanos foram dotados com expressões nobres como o riso, o choro, a tristeza, a alegria; restando aos outros animais as expressões brutas: a raiva, a fúria e o medo, fruto de reações instintivas e mecânicas.

Essas explicações ignoravam a filiação comum das espécies proposta por Darwin desde *A origem das espécies*, em 1859. Daí seu apelo, nas primeiras páginas de *A expressão das emoções no homem e nos animais*: “Aquele que admitir que, no geral, a estrutura e os hábitos de todos os animais evoluíram gradualmente, abordará toda a questão da Expressão a partir de uma perspectiva nova e interessante” (Darwin 2000: 22).

A profundidade desse trabalho de Darwin assenta-se em sua proposta: se as espécies evoluem pelo processo de comunhão da descendência não seria de se esperar que aspectos psíquicos e cognitivos fossem transmitidos por hereditariedade

da mesma maneira que os anatômicos e fisiológicos? Essa representa a questão que conduz Darwin em busca da analogia da vida emocional de humanos e não humanos. Uma perspectiva a ser analisada profundamente em todos os seus aspectos, sobrepujando o preconceito comum e as interpretações enganosas:

Estamos tão familiarizados com o fato de animais jovens e velhos manifestarem seus sentimentos da mesma maneira que dificilmente percebemos quão notável é um cãozinho abanar a cauda quando satisfeito, abaixar as orelhas e mostrar seus caninos quando finge estar furioso, exatamente como um cão adulto. Ou que um gatinho arqueie suas costas e erice os pelos quando assustado e irritado, como um gato adulto. [...]. Entretanto, quando pensamos em gestos menos comuns, que estamos acostumados a considerar como artificiais ou convencionais – por exemplo, encolher os ombros em sinal de impotência, ou erguer os braços com as mãos abertas e os dedos estendidos demonstrando admiração – parece-nos por demais surpreendente descobrir que eles são inatos. Podemos inferir que esses e alguns outros gestos são hereditários por serem realizados por crianças muito pequenas, pelos nascidos cegos e pelas mais variadas raças humanas (Darwin 2000: 327-328).

O termo expressão utilizado por Darwin no título do livro remete aos movimentos e gestos do corpo quando o indivíduo sente determinadas emoções. São as formas gestuais: piscar dos olhos, movimento dos cantos da boca, braços, pés, patas, pernas, pelos, penas; corpos que inflam; cantos, sons de asas, fala, gritos, uivos, balidos, barridos, urros, grunhidos; caudas que balançam; movimentos de vai e vem, e outras formas que os seres vivos têm de demonstrar, por meio de seus corpos, o estado em que se encontram seus sentimentos.

Portanto, nessa obra, o termo *expressão* não está correlatado à capacidade de sentir emoções, mas sim relacionado direta e estritamente à forma pela qual os sentimentos são expressos: gestos e movimentos corporais. Arrepios dos pelos nos mamíferos e das penas nas aves podem indicar expressões de medo, prazer ou terror. O beijo em algumas sociedades humanas equivale ao contato corporal por meio de apertos de mãos, roçar de narizes em outras, quando o gato se alisa nas pernas de seu amigo humano, canino ou em alguma superfície macia; ao roçar dos pescoços entre girafas, cavalos etc.

Darwin defendera em *A origem do homem e a seleção sexual* estudos sobre a genealogia do comportamento humano que, em vez de evidenciarem os aspectos distintivos do caráter mental e moral humanos, procurassem suas semelhanças gerais (universais) com os animais não humanos. Essa abordagem preteria as particularidades entre as espécies e demonstrava que a diferença entre humanos e outros animais era apenas de grau, não de tipo (de natureza).

Se as víboras são mais sensíveis aos raios infravermelhos que os humanos, ambos são territorialistas; cães possuem cinco vezes mais células olfativas que humanos; estes, por sua vez, distinguem mais tonalidades de cores que aqueles; contudo, ambos são gregários, sociáveis, podem se tornar agressivos ou dependentes

emocionalmente se abandonados ou maltratados, envergonham-se quando pegos em flagrante bagunça – humanos ruborizam-se e cães murcham as orelhas, ambos tentam se esconder. Quando assustados, humanos eriçam os pelos de todo o corpo, da mesma forma que gatos, bois, cavalos, cães e outros animais.

Um boi irritado infla as narinas, bate uma das patas dianteiras no chão, resfolega, abaixa e levanta a cabeça repetidas vezes; uma cobra pode agitar a cauda ou inflar-se para aparentar ser maior a seu inimigo; um cão alegre agita a cauda; entristecido, abaixa as orelhas; uma abelha emite um som quando está irritada diferente daquele emitido quando está tranquila; um porco-espinho eriça os pelos em sinal de alerta; macacos riem, choram, amuam, sentem cócegas. São infintas as formas que os seres vivos possuem de expressar suas emoções.

O diferencial em *A Expressão das emoções no homem e nos animais* assenta-se na propositura de que a maioria das expressões existentes na espécie humana já fazia parte do repertório expressivo dos antepassados mais primitivos dos filhos da grande árvore da vida. Apenas umas poucas formas de mover os músculos faciais e de posicionar o corpo em determinadas situações, como a tristeza, a ansiedade, o soluço, não foram registradas por Darwin em outros seres. Número ínfimo, se comparado aos diversos sentimentos compartilhados com outras espécies e também aos semelhantes músculos movimentados nas mais diversas expressões.

Atentar-se aos aspectos comuns entre animais humanos e não humanos, sob uma perspectiva que parta das universalidades às particularidades (método essencial à antropologia que não se pretenda relativista, desde sua proposição por Marcel Mauss), implica apostar em estudos não hierarquizados e não fragmentados, o que possibilita compreender que entre espécies de mesmo tipo existem diferenças e semelhanças na forma de ser e agir dos indivíduos, sejam eles humanos ou não.

Um dos exemplos de ação reflexa citado por Darwin consiste em colocarmos o dedo molhado na boca de um filhote de cachorro ou de um bebê humano e ver suas reações de sucção. Outro caso de ação reflexa diretamente experimentado, e que ele se divertia ao relatar, diz respeito às serpentes: “Aproximei meu rosto do grosso vidro de um viveiro de víboras no jardim zoológico, determinado a não me afastar caso a cobra atacasse. Mas tão logo ela se precipitou sobre mim, minha resolução de nada me valeu e eu pulei um ou dois metros para trás com impressionante rapidez” (Darwin 2000: 44).

As ações reflexas estão mais presentes na vida dos seres vivos do que imaginamos. No filme *Um cão andaluz* (1929), de Luis Buñuel, não conseguimos permanecer impassíveis, mesmo sabendo tratar-se de ficção, ao vermos a clássica cena da navalha cortando o olho da mulher: fechamos os olhos, nos arrepiamos, fazemos careta como se a navalha estivesse se aproximando de nossos olhos, sentimos arrepios e realizamos movimentos involuntários para nos defendermos.

Outro exemplo, o caso ocorrido em 28 de dezembro de 1895 no filme *A chegada do trem na estação*, dos irmãos Lumière. A locomotiva, parecendo sair da tela, deixou as pessoas em pânico: umas saltaram das cadeiras, outras saíram correndo. Sobressaltos desse tipo também acometem outros animais, por exemplo, se encostarmos o dedo próximo aos olhos de um cão ou um gato, por mais que saibam que não lhes faremos mal, fecharão os olhos involuntariamente.

Para o trabalho sobre *A Expressão Darwin*, que se graduara como bacharel em artes, também observou obras de grandes pintores e escultores, a fim de

compreender como os artistas representaram expressões intensas de dor e alegria. Observando a escultura do Laocoonte, todavia, afirmou que o artista prezara a beleza do sofrimento apenas em seu sentido estético, porque “músculos faciais intensamente contraídos destroem a beleza” (Darwin 2000: 24).

Esse *Laocoonte* clássico representa o artifício da cultura ocidental em cindir a expressão dos sentimentos humanos em superiores, aqueles refinados pela cultura europeia; e inferiores, aos quais são associadas emoções do mundo da natureza, fúria, ódio, repulsa, lascívia, por exemplo. Na figura clássica, apesar da dor lancinante nos corpos, as faces do pai e de seus filhos mantêm-se harmoniosas, livres de contorções animais; a dor é percebida apenas na parte abdominal, nos músculos inferiores, associados à animalidade.

Para os artistas clássicos, a face que expressa os suplícios da dor não possui beleza; deforma-se, perdendo a simetria e aproximando-se das expressões animais, monstruosas, inumanas. A face como expressão da alma não poderia externar sofrimentos físicos como a dor física.

[...] a dor que se revela em todos os músculos e tendões do corpo e que nós sem observar a face e as outras partes, apenas no abdome dolorosamente retraído, quase que cremos estarmos nós mesmos a sentir; essa dor, eu dizia, exterioriza-se no entanto sem nenhuma fúria na face e em todo o posicionamento. Ela não brada nenhum grito terrível [...] A dor do corpo e a grandeza da alma são distribuídas, e como que balanceadas, por toda a construção da figura com a mesma força (Lessing 2011: 85).

Nessa perspectiva, o teratológico tinha de ser banido do mundo da cultura (Dias 2013). De outro lado, notamos a permanência da cizânia entre cultura e natureza na caricatura do *Laocoonte* feita por Ticiano. A forma clássica do corpo bem esculpido, da face contida aparentando uma dor ínfima diante dos ataques das víboras é substituída por formas animais, degeneradas. Habitações humanas podem ser avistadas ao fundo, em segundo plano, entretanto, a fera ensandecida extravasa suas dores na floresta, o lugar do profano, que surge em primeiro plano.

A representação de Ticiano constitui-se numa outra forma de demonstrar que o sofrimento extremo, fluído dos recônditos do ser, pertence à animalidade. A escultura clássica de um lado, a caricatura de outro, denotam sentimentos incontroláveis como excrescências incompatíveis com as atitudes controladas do virtuoso herói civilizado que sabe sofrer com elegância; que preserva a alma ao não degenerar a face no sofrimento.

Embora os dois *Laocoonte* representem situações semelhantes, a empatia do observador recai sobre a escultura clássica, pois ela inspira terror e piedade, origem da catarse para os gregos, e aproxima o homem do divino. Constituindo-se naquilo que Auerbach (2001) definirá como obra de estilo elevado.

O segundo *Laocoonte*, por sua vez, inspira mera curiosidade, e não compaixão. Sua figura amórfica é compreendida como a face de um animal transtornado, destituído de harmonia e indigno da compaixão de seus iguais (justamente por isto ele aparece na floresta, o lugar do selvagem, do indomável). A

pintura adquire certa comicidade, uma obra em estilo baixo, incapaz, portanto, de inspirar empatia: o sofrimento no mundo animal nos é alheio.

Darwin teve papel fundamental ao romper essa visão dicotômica entre natureza e cultura realocando a espécie humana no mundo da natureza: atributos antes distinguidos como essencialmente humanos também se apresentam e são compartilhados com outras espécies animais. A arqueologia das emoções traçada por ele restituiu à expressividade humana seu caráter animalesco, que não é o mesmo das representações caricaturescas e disformes das obras de arte, ou o dos fisionomistas.

O autor de *A expressão*, esgarçando as fronteiras entre humanidade e animalidade, destituiu os alicerces do antropocentrismo ocidental, apontando que o traçado filogenético, psíquico e emocional da espécie humana esteve entrelaçado ao de outras espécies animais, construindo uma arqueologia das emoções que não evidenciava somente o caráter animal dos humanos, mas também demonstrava que aspectos considerados mais elevados e atribuídos a estes eram inerentes aos animais não humanos.

Freud (2010) aventou que Darwin e seus colaboradores contribuíram para evidenciar os equívocos do narcisismo humano em julgarem-se superior aos outros animais: “O homem não é algo diferente nem melhor que os animais; é ele próprio de origem animal, mais aparentado a algumas espécies, mais distante de outras [...] tanto na estrutura do corpo como na disposição psíquica”.

Pelo fato de o sofrimento representar um fato inescapável aos seres vivos, não sem razão Darwin incluiu várias citações de Shakespeare ao longo de *A expressão*. A tragédia, desde os gregos, expõe os sentimentos e os atos demoníacos e primitivos (no sentido de espontâneo, do que não pode ser modulado pela cultura) dos quais somos capazes. Um animal acuado reagirá tão intensamente à situação quanto um humano, assim como cães, gatos e aves que nos são mais próximos, ou animais selvagens, ou culturas humanas não ocidentais.

Macbeth e O rei Lear transpostos para a época do Japão feudal – sociedade muito distinta da elisabetana –, na versão cinematográfica de Akira Kurosawa, não perderam seu poder de evocar a força da personificação trágica de Lady Macbeth nem a agonizante loucura de Lear tão intensamente quanto no texto shakespeariano.³ Darwin anunciara o poder dos atos físicos, reprimidos ou liberados, sobre o psíquico (hoje conhecidos como psicossomáticos) ao evocar Lady Macbeth, cujos tormentos suscitados por seu ódio extremado a levaram à loucura:

Aquele que se permite gestos violentos aumenta sua raiva; aquele que não controla os sinais de medo sentirá ainda mais medo; e aquele que permanece passivo quando dominado pela tristeza perde sua melhor chance de recobrar alguma flexibilidade mental. Isso resulta em parte da íntima relação existente entre todas as emoções e suas manifestações exteriores; e também parcialmente da influência direta do esforço sobre o coração, e conseqüentemente o cérebro. Até

³ Vale a pena conferir duas outras obras expressivas que retratam sentimentos intensos em épocas distintas: Lady Macbeth do Distrito de Mitzensk, do russo Nicolai Leskov, e Romeu e Julieta na Aldeia, do alemão Gottfried Keller, ambas lançadas no Brasil pela Editora 34.

mesmo a simulação de uma emoção faz com que ela surja em nossas mentes (Darwin 2000: 340).

Ao ódio de Lady MacBeth, contrapõe-se o amor intenso e juvenil dos dois amantes de Verona. E, nos casos desses dois sentimentos antagônicos, o ódio e o amor, Darwin notara que os mesmos músculos faciais se contorcem numa e noutra expressão, denominando esses arroubos de sentimentos opostos de “antítese na expressão”.

Se as dores deformam os rostos e refletem-se nos corpos, também a alegria e a satisfação transparecem nas expressões corporais. Sem dúvida, a alegria contagia a expressão facial e corporal da maioria dos mamíferos e das aves; e o sentimento de satisfação reflete-se no corpo mais vigoroso, no brilho dos olhos, nos gemidos e sussurros de prazer. Cooperação, sociabilidade e afetividade são processos evolutivos que permeiam a vida de quase todos os mamíferos e de algumas aves; já a falta de afetividade causa tristeza, depressão, inanição e até a morte.

Aprofundando seus estudos sobre as expressões Darwin demonstrou que até mesmo o ato de beijar, considerado um contato íntimo e de afeto exclusivo entre humanos, não se mostra uma ação frequente em todas as culturas, portanto não pode ser considerado um princípio de ação geral entre os humanos. Incomum aos neozelandeses, taitianos, papuas, australianos, somalis, esquimós, apresentando-se de forma variada.

O que parece ser natural ou inato é o prazer associado ao contato íntimo com uma pessoa amada; assim, o beijo foi substituído em diversos lugares do mundo pelo esfregar dos narizes, como fazem os neozelandeses e os lapões, por roçar ou apertar os braços, o peito, a barriga, ou por um homem bater no seu próprio rosto com as mãos, os pés ou outra coisa. Talvez o costume de soprar em diversas partes do corpo (Darwin 2000: 202).

Da mesma forma, não humanos gostam de contatos, afagando-se, roçando-se, deleitando-se com o contato de outros de sua espécie ou não. Darwin apreciava ouvir os macacos do zoológico gargalhando quando lhes faziam cócegas; observar a alegria do cão ao abanar a cauda (e alguns até sorriem, ao modo canino, arreganhando os dentes); o deleite das aves com um carinho na cabeça; o ronronar suave e agradável do gato quando afagado.

Para constituir sua arqueologia das emoções, Darwin esteou-se na descendência com modificação das espécies como fato científico e ponto de partida. Os fisionomistas que o precederam, e também os de sua época, ainda estudavam as particularidades das expressões na espécie humana tentando comprovar seus desígnios superiores, divinos. Daí os estudos da área estagnarem durante muito tempo, reanimando os debates somente a partir da segunda década do século XX.

Assim como a espécie humana, diversas espécies gregárias (cães, pássaros, golfinhos, baleias, formigas, cupins e muitos outros seres) não sobreviveriam sem tolerância e cuidados do grupo. Indivíduos isolados socialmente, por opção ou desprezo de seus semelhantes, têm mais depressão e, no geral, morrem mais cedo.

Trabalhos voluntários e também o contato com cães e gatos, feitos em asilos, orfanatos e hospitais aumentam a expectativa de vida e alegam a alma: “Na nossa linhagem, vínculos e apoio são o estado natural” (Waal 2007: 270).

Essa arqueologia forneceu o armazém filosófico, político e científico com estudos que permitiram compreender os não humanos para além das expressões grotescas e monstruosas que percebiam a luta pela sobrevivência como um fato literal – saindo da metáfora sugerida por Darwin⁴ –, incitando uma guerra feroz e irracional de uns contra os outros, pois reservava ao mundo dos não humanos sentimentos destituídos de compaixão, entreatada, empatia, amor, alegrias.

Aby Warburg (2015) esteve entre os primeiros historiadores da arte a ler a obra darwiniana, especialmente *A origem das espécies* e *A expressão das emoções no homem e nos animais*, e utilizá-la para interpretar obras artísticas. Sua percepção singular sobre o Laocoonte consistia em analisá-lo como um ser que reprime seus sentimentos para não retroceder ao estágio animalesco, à perda do espiritual. Dessa forma, a leitura de *A expressão* por Warburg possibilitou nova forma de compreender a habilidade considerada eminentemente humana: o pensamento criativo, abstrato.

Ao contrário da história da arte clássica, que analisava os vários estilos artísticos como se rompidos por um hiato, Warburg desenvolveu o conceito de *nachleben* (imagens sobreviventes) que aproximava movimentos, gestos e resíduos dos mais variados estilos artísticos (pinturas, poemas, literatura, escultura etc.) buscando aquelas marcas primitivas (no sentido de originário) que permanecem nas que as sucedem, não importando os séculos que as separem. Para ele, os movimentos estéticos não possuem rupturas entre si, mas elementos comuns, sobreviventes.

O *phatosformel*, ou fórmula das emoções, outro conceito warburguiano, nos possibilita espriar, para além das obras de arte, a sobrevivência dos gestos e das expressões que as espécies compartilham: se todos somos partes do incessante movimento da evolução da vida e se nossas capacidades mentais e emocionais estão entrelaçadas as dos outros animais significa que corpos humanos e não humanos guardam memórias da trajetória evolutiva tanto da própria espécie quanto daquelas mais remotas compartilhadas nos vários entroncamentos da *árvore da vida*.

A ideia darwiniana da continuidade das espécies, se utilizada na compreensão das expressões artísticas, pode imprimir mais realidade as suas representações. O lado animal do humano não mais seria dotado de negatividade; sua livre expressão poderia reaproximar a arte do real sem perder a beleza; como, aliás, ocorre nos exemplos que colhemos desde as tragédias gregas às óperas dramáticas do século XIX.

A assertiva de Darwin sobre uma arte mais preocupada com as questões estéticas em suas representações do humano demonstra o quanto ele esteve na vanguarda. A face humana exprimindo dor extrema, que não está relacionada apenas aos atos selvagens, mas à capacidade intensa de demonstrar sofrimento, será

⁴ “Devo estabelecer como premissa que emprego a expressão ‘luta pela existência’ em sentido amplo e metafórico, incluindo nesse conceito a ideia de interdependência dos seres vivos, e também – o que é mais importante – não só a vida de um indivíduo, mas sua capacidade de deixar descendência. Dois canídeos, num período de escassez de alimentos, literalmente hão de lutar entre si a fim de assegurar sua sobrevivência; todavia, ao invés de dizermos que uma planta que vive nas bordas do deserto enfrenta a seca lutando pela sobrevivência, melhor seria se disséssemos que ela depende da umidade para sobreviver” (Darwin 1985: 87).

recuperada na arte expressionista, da qual faz parte a tela *O grito*, de Edward Munch (1863-1944).

Goya (1746-1828) já representara faces contorcidas pelo sofrimento; Van Gogh (1853-1890), em seu *Os comedores de batata*, demonstrara os corpos arqueados pela fome e pelo sofrimento. Mas a tela *O grito* nos apresenta a face transfigurada pelo horror. Contudo, se a face humana se torna irreconhecível, o sentimento de dor se faz sentir em toda sua força e potência, não se diferindo daquela observada nos não humanos.

Na tela *O grito*, diferentemente da expressão harmoniosa do Laocoonte, o artista não temeu destacar a face desfigurada diante de um ato de terror ou dor extrema. Podemos inferir as seguintes questões a partir do confronto dessas duas obras. No Laocoonte clássico, o sentimento primevo da dor subjaz à condição de homem modulado pela cultura, no qual o sofrimento transfigurador é negado, afastando-o do mundo da natureza.

Na tela de Munch, o sentimento de dor é compartilhado, universalizado como fato e condição inescapáveis aos seres vivos. O artista talvez quisesse demonstrar que a dor extrema não deva ser ocultada, negada: o horror diante de uma situação funesta faz parte das contingências da vida. Nos momentos terríficos nenhum ser vivo senciente reprime seus instintos primevos.

Darwin observou que apenas nos humanos os músculos labiais e as sobrancelhas são contraídos formando rugas na testa; por isso, disse que a tristeza é característica apenas dessa espécie: “A expressão de tristeza, de forma alguma se restringe aos europeus, mas parece ser comum a todas as raças humanas” (Darwin 2000: 175). Entretanto, a capacidade de se entristecer está presente nas mais variadas espécies; suas expressões perante a dor ou a alegria são “quase tão expressivos quanto os dos humanos” (Darwin 2000: 139). Dessa forma,

Nossa capacidade exclusivamente humana de sentir tristeza pela morte de pessoas que nos são estranhas está assentada em um substrato evolutivo. Nossas formas de expressar o luto podem ser únicas, mas a capacidade humana de lamentar profundamente é algo que compartilhamos com outros animais (King 2014: 19).

Atualmente, a empatia interespecífica está retratada em vídeos, documentários, artigos, livros e outros meios. São frequentes os casos de salvamento, como o do urso do zoológico de Budapeste que resgatou um corvo; o relato de Cleveland Amory em seu livro *O gato que veio para o natal*, sobre a amizade de seu gato, Polar Bear, com um pombo; de adoção, como a leoa que adotou um filhote de cervo, galinhas que adotam cães; de amizades inusitadas: gatos e chinchilas, coelhos e cães. Afinal, nesse processo de sentimentos e emoções animais: “Somos um só, nós e os seres rastejantes; / E macacos e homens, parentes de sangue” (Thomas Hardy).

Não é apenas no *Laocoonte* clássico que a dor pode ser dissimulada. Observemos, à maneira de Darwin, que não apenas poetas e artistas fingem tão bem a dor que não sentiram de verdade. No mundo orgânico, a dissimulação apresenta-se constantemente; seja como forma eficiente de garantia de sobrevivência do

dissimulado, de sua família ou prole ou, às vezes, até mesmo por divertimento, zombaria.

Algumas espécies de serpentes, lagartos, rãs e sapos inflam-se, fingindo ser maiores para afugentar predadores ou quando em perigo iminente; certas borboletas, cujas asas assemelham-se a grandes olhos de coruja, impõem temor aos predadores com essa tática.

Mamíferos eriçam os pelos quando se sentem ameaçados, aterrorizados, fazendo-se maiores do que realmente são. Embora os humanos tenham perdido quase todos os pelos do corpo, o eriçamento ainda ocorre. Isso é o que Darwin chamou de “ato involuntário”, pois, embora perdida a função para a qual foi desenvolvida, sua ação ainda permanece.

A arte da camuflagem, da dissimulação, do mimetismo (que renderiam inúmeros outros trabalhos) evoluem nas mais diferentes espécies, demonstrando a assertiva de Darwin sobre a complexidade existente na proteção das espécies com seus filhotes, parceiros e consigo mesmos.

A mãe pata, presentindo a chegada de um predador, dá sinal aos filhotes para que fujam rumo ao lago; enquanto isso, ela atrai o intruso fingindo estar com a asa quebrada. Ao ver que os filhotes atingiram o lago, sai correndo para encontrá-los; mas fingirá se afogar, caso ainda estejam em perigo. Estratégia semelhante é utilizada por avestruzes e diversas outras aves.

É difícil encontrar outro movimento expressivo tão comum quanto o eriçar involuntário de pelos, penas e outros apêndices dérmicos, pois ele é frequente em todas as três espécies de grandes vertebrados [...]. Ele serve para o animal parecer maior e mais aterrorizador para o inimigo ou rival (Darwin 2000: 95).

Aqueles que buscavam encontrar nos estudos darwinianos um tratado narcísico da espécie humana, depararam-se com fatos que atribuíam sentimentos e expressões humanas, não como distintivos da espécie, senão como atributos que reverberam na trajetória da espécie humana como herança da longa história evolutiva das espécies na grande árvore da vida.

A ideia de situar o comportamento num quadro evolutivo permite que se comparem e classifiquem as espécies a partir de sua interação viva com o ambiente, que se entenda melhor as funções das estratégias comportamentais e também (uma ideia perigosa) que se tome o ser humano como mais uma espécie, aparentada na maneira de ser a outros animais considerados inferiores (Ades 2009: 44).

Sob essa perspectiva darwiniana, ainda que timidamente desenvolvida até fins do século XX, Fernández-Armesto (2007) afirma, que, sendo maior o recuo no tempo, menos distintivo se torna o galho da espécie humana dos demais ramos que compõem a genealogia do mundo orgânico: quanto mais recuarmos na história da espécie humana, mais sua história estará entrelaçada à de outras espécies.

Observando diferentes tipos de primatas Darwin inferiu estar o riso, como sinal de prazer ou satisfação, presente na linhagem que compartilhamos com eles. Da mesma forma, eriçar os pelos, empalidecer, suar frio, arregalar os olhos, ficar paralisado são alguns aspectos compartilhados com outros animais.

Darwin espantava-se com as semelhanças entre primatas e humanos e estudos recentes da primatologia ajudam-nos a ampliar suas proposições:

[...] os grandes primatas não humanos, na verdade não são muito mais instintuais do que nós. Tomam muitas decisões na vida, como a de defender um recém-nascido ou ameaçá-lo, salvar ou maltratar um passarinho. O que comparamos, portanto, são os modos como os humanos e outros grandes primatas lidam com problemas por meio de uma mistura de tendências naturais, inteligência e experiência. É impossível extrair dessa mistura o que é inato e o que não é. Não obstante, a comparação é instrutiva, no mínimo porque nos faz dar um passo atrás e olhar em um espelho que mostra um lado nosso diferente daquele ao qual estamos acostumados (Waal 2007: 56).

Alguns movimentos e expressões são compartilhados com ancestrais mais distantes de nossa linha de descendência – gritos, grunhidos, urros, contorções do corpo, cerrar os dentes para expressar sofrimento; outros, como as lágrimas, foram adquiridos de ancestrais em ramos mais recentes.

O fundamento darwiniano da origem animal do homem (apropriado, distorcido e utilizado largamente por discursos racistas que influenciaram políticas discriminatórias surgidas em fins do século XIX e persistentes no século XXI) diz respeito ao conjunto da espécie humana, não a um ou outro grupo especificamente.

Esforcei-me para demonstrar detalhadamente que todas as principais expressões exibidas pelo homem são iguais ao redor do mundo. Esse é um fato interessante, pois acrescenta um novo argumento a favor da teoria de que as inúmeras raças descendem de um mesmo tronco parental, que deveria ser já quase totalmente humano na estrutura, e em grande medida na mente, antes do período no qual as espécies divergiram [...] parece-me altamente improvável que tanta semelhança, ou melhor, identidade de estrutura, possa ter sido adquirida por meios independentes (Darwin 2000: 335).

Por isso, é na longa trajetória humana que devemos buscar as origens animais da espécie, não nos traços presentes de sociedades menos complexas como os aborígenes. No século XIX não havia, por parte dos naturalistas que afirmavam serem os aborígenes humanos degenerados, observações acuradas nem sobre a vida dos animais com os quais comparavam os aborígenes nem sobre estes.

[...] os principais movimentos expressivos de homens e animais inferiores são inatos ou hereditários, isto é, não são aprendidos pelo indivíduo. O aprendizado tem tão pouco a ver com muitos desses movimentos que eles estão desde cedo e ao longo da vida muito além de nosso controle; por exemplo, o relaxamento das artérias da pele no enrubescimento e o aumento da atividade do coração na raiva. Podemos ver crianças, com apenas dois ou três anos, mesmo as que nasceram cegas, enrubescendo de vergonha; e o couro cabeludo nu de um recém-nascido cora quando ele fica transtornado. Bebês choram de dor ao nascer, e suas feições já têm a mesma aparência dos anos seguintes (Darwin 2000: 326-327).

Mais de cento e quarenta anos depois de *A expressão das emoções no homem e nos animais*, muitos pensadores, especialmente nas ciências humanas, sentem-se desconfortáveis com os apontamentos darwinianos sobre o comportamento humano pois este, tal qual em outros animais, pode ser estudado a partir de princípios gerais que independem da cultura humana.

Exemplo é o princípio da hereditariedade, que permite analisar o aspecto simbólico e cultural não como particularidade da espécie humana, e sim como parte da genealogia que compartilhamos com outras espécies. O desconforto desse fato reside na desconstrução da rígida fronteira entre o que é cultural (humano) e o que é natural (animal, instintivo):

[...] a diferença da inteligência entre o homem e os animais não é tão grande quanto aquela que existe entre as coisas vivas sem pensamento (plantas) e as coisas vivas com pensamento (animais) [...]. Se tomamos o partido de seguir essa hipótese até o fim, então todos os animais, nossos irmãos e companheiros na doença, na morte, no sofrimento e na fome, nossos escravos em nossos maiores labores, companheiros de nossos divertimentos, podem participar de nossa origem, num ancestral comum (Darwin, 1837-1838. In: Buican, 1990: 30).

Contudo, essa forma de encarar os estudos dos comportamentos e das culturas, humana ou não, deve evitar o engodo de reduzir a natureza à cultura ou vice-versa. Essa é uma questão que já deveria estar ultrapassada fossem dialógicos os estudos das ciências humanas, sociais, biológicas (etologia e zoologia).

Admitir que as diferenças cognitivas entre os diversos animais e os humanos são apenas de grau, portanto não fundamentais, mostra-se uma perspectiva que nos ajuda a procurar as confluências entre o mundo vivo, mais do que os distintivos entre eles. Dessa maneira, torna-se possível pensar aspectos profundos sobre essas existências, como a moral, a ética, os direitos.

Desde que Jane Goodall escreveu o livro *Uma janela para a vida*, sobre seu convívio com os chimpanzés, na década de 1980, os estudos da primatologia avançaram. Aquilo que ela descrevera como a característica “mais excepcional e singular: a humanidade” necrosou, e a evolução dessa humanidade será possível

apenas na medida em que permitir aos outros seres vivos o desenvolvimento de suas individualidades.

Na natureza, os mesmos animais sujeitos à ação lenta e gradual da seleção natural, e constrangidos pela rápida expansão humana em direção aos seus habitats, são movidos por sentimentos que extrapolam as leis básicas da sobrevivência: afetos, apoio mútuo, convivência social, cooperação; leões caçam juntos e trocam experiências, cuidados, comidas; impalas andam em grupos, acompanham os babuínos às suas coletas de frutas e os avisam da aproximação de predadores; babuínos, por sua vez, são gregários, escolhem seus companheiros por afinidades eletivas.

Quando a morte afeta as espécies não humanas, elas também sentem o pesar causado pela perda de amor, como expressa a antropóloga e psicóloga Barbara King, em seus estudos sobre babuínos: “O fato de uma gama tão ampla de espécies, inclusive algumas bem distantes dos humanos, lamentar a morte de seres próximos indica que as raízes da nossa própria capacidade de sentir pesar realmente são muito profundas” (King 2014: 18).

Perda de amor que não é ausência da capacidade de sentir amor, e sim a tristeza pela ausência da pessoa amada, expressa por profundo abatimento diante de um corpo inerte, que não mais responderá aos afagos, à amizade, à presença dos que restaram. Perda de amor que expressa o hiato pela vida que se esvaiu do corpo amado, deixando sensações impressas nas lembranças da pessoa que ama.

A antropóloga Barbara Smuts (In: Coetzee 2002: 128-145) espalha o conceito de pessoa para todos os seres que estabelecem relações com outros. Um cão é uma pessoa porque possui individualidade e mantém relações com seu companheiro humano, num entendimento que prescinde da linguagem verbal humana: ambos se compreendem, sentem, trocam experiências e emoções, cada um ao seu modo de ser espécie e indivíduo.

Em sua acepção original, a palavra cultura, substantivo feminino de origem latina, significa “ato, efeito ou modo de cultivar”. A cultura, no sentido de cultivar-se a si mesmo, cultivar a existência, é propriedade de todo ser vivo, não apenas do humano. Essa foi a contribuição de Darwin para repensar o modo como o homem ocidental cultiva suas relações com outros seres vivos e que hoje se acentua na extensão dos direitos a outros seres e na sustentabilidade do bioma terrestre. A partir desse ponto de vista, o biológico e o cultural coevoluem, transformam-se, retroalimentam-se. Pensar um sem o outro, é reduzir potencialidades e a vida.

Conclusão

Situar humanos e não humanos no *continuum* da árvore da vida declina da ideia de superioridade de uns seres sobre outros. Darwin acreditava sim, que o ser humano, com seu cérebro desenvolvido, deveria ser sensível à dor de outros seres. Essa sensibilidade, a que hoje chamamos de ética animal, constitui um dos preceitos fundamentais dos movimentos de libertação animal e ambientais: os seres humanos, capazes de refletir sobre seus atos, são responsáveis pelo bem-estar de outros seres, de sua espécie e do planeta.

[...] diferentemente de outros animais, desenvolvemos modos peculiares de sair do aqui e do agora, de lembrar o passado remoto, de imaginar futuros possíveis ou perspectivas diferentes, de generalizar ou conectar e de conduzir outras pessoas a essas paisagens remotas, essas opções improváveis e imagens sem precedentes (Boyd 2012: 48).

Darwin nos remeteu a essas paisagens remotas ao compor a árvore filogenética dos seres orgânicos. No *intermezzo* entre a evolução no ramo dos primatas, que se bifurcou no filo *homo*, o desenvolvimento físico e mental da espécie humana esteve entrelaçado ao de outras espécies e ao da biosfera terrestre “Quão infinitamente ditosa é a sensação de que o mundo real corre junto com nosso mundo interior, e as árvores verdes, o pensamento, os cantos dos pássaros, a melancolia, os azuis do céu, a lembrança e os aromas de ervas enredam-se nos mais doces arabescos” (Heine 2013: 107).

Nesse entrelaçamento, que ainda se faz sentir em nossas expressões e formas de ser, ressoam o alcance e o espraiamento da revolução potencializada com as ideias de Darwin. Nesse sentido, o próprio questionamento de Singer, com o qual iniciamos este artigo, a respeito do motivo pelo qual a revolução darwiniana não tenha prosperado no plano dos costumes, mostra-se um desdobramento de temas discutidos pelo naturalista inglês.

A revolução iniciada com Darwin encontrou no *Animal Studies*⁵ um movimento capaz de garantir seu prosseguimento, agora no plano político-filosófico; juntos, deslegitimaram quaisquer afirmações que estabeleçam o homem com direitos soberanos sobre os demais seres: “Em resumo, os humanos não têm nenhuma característica exclusivamente humana que possa justificar um tratamento diferencial baseado apenas na espécie” (Francione 2013: 201).

Uma revolução que agora ressoa para além do campo filosófico, político, ético, científico, estético. A literatura, por sua vez, possui vários exemplos dessa urgente forma de pensar e se relacionar com os não humanos. De Machado de Assis a Graciliano Ramos, de Isaac Bashevis Singer a J. M. Coetzee, os questionamentos e a reivindicação de um novo olhar sobre os animais não humanos e também a correspondência entre os maus tratos dos humanos entre si e com as demais espécies perpassam as obras desses e de outros autores.⁶

Logo, se formos capazes de sair do aqui e do agora ao pensarmos em nossas ações como ressonâncias para o futuro – que não seja tão distante! – *A expressão das emoções no homem e nos animais* terá ensejado caminhos para dissiparmos nossa arrogância nas relações com os outros seres viventes, refletindo nossa trajetória por esse planeta como uma, dentre bilhões de vidas que necessitam do ar, da água, das florestas, do alimento e do abrigo que a Terra oferece a todos, sem distinção!

TWINNED LIVES: AN ARCHEOLOGY

⁵ No Brasil, destacam-se especialmente os artigos, livros e palestras da filósofa Sônia T. Felipe.

⁶ Cf.: BRAGA, Elda Firmo; LIBANORI, Evelyn Vânia; DIOGO, Rita de Cássia Miranda (Org). *Representação animal na literatura*. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2015. Obra que contém estudos sobre autores dos mais variados períodos e estilos que se debruçaram e refletiram sobre o universo dos não humanos.

Abstract: In this paper we perform an archeology of Darwinian studies, such as the common membership of species and the fact the difference between human and non-human to be a matter of degree, not kind. According to the philosopher Peter Singer, one of the exponents of *Animal Studies*, theoretical movement emerged in the 1970s, these ideas produced a revolution in the intellectual field. Therefore, we analyzed *The expression of emotions in man and animals*, published in 1872 by Charles Darwin, outlining its conceptual scope, which resonates in anti-speciesist movements and ethics or animal rights, the relationship with the arts and the analogy between the emotional life human and non-human animals.

Keywords: Darwin; human and not-humans; Animal studies; ethic.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADES, Cesar. Darwin, instinto e mente. *Revista Pesquisa FAPESP*, n. 157, p. 44-45, mar. 2009.

ARSUAGA, Jose Luis. *La importancia de Darwin*. Disponível em: <<http://www.elmundo.es/especiales/2009/02/ciencia/darwin/seccion5/index.html>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. Vários. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BIGNARDI, Cristina. L'espressione delle emozioni all'origine della teoria warburghiana sul simbolo estetico. *Parol Quaderni d'arte e di epistemologia*. Parol on line, luglio 1998. Disponível em: <<http://www.parol.it/articles/bignardi.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

BOYD, Bryan. Nabokv & Machado. *Revista Serrote*, n. 11, p. 37-57, jul. 2012.

BRACINHA, António Vieira. *Etologia e ciências humanas*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1983.

BROWNE, Janet. *Charles Darwin: o poder do lugar*. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Aracati; Editora UNESP, 2011a.

_____. *Charles Darwin: viajando*. Trad. Gerson Yamagami. São Paulo: Aracati; Editora UNESP, 2011b.

COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Trad. Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 [1872].

_____. *A origem das espécies*. Trad. Eugênio Amado. São Paulo; Belo Horizonte: Edusp; Itatiaia, 1985 [1859].

_____. *A origem do homem e a seleção sexual*. Trad. Susana A. M. Varela. Lisboa: Relógio D'Água, 2009a [1871].

_____. *A viagem do Beagle: viagem de um naturalista à volta do mundo*. Trad. Diniz Lopes e Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009b [1839].

_____. *Autobiografia, 1809-1882*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000 [1882].

_____. *Origens: cartas seletas de Charles Darwin, 1822-1859*; editadas por Frederick Burkhardt; prefácio de Stephen Jay Gould. Trad. Vera Ribeiro e Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Editora da UNESP, 2009c.

_____. *Origens: cartas seletas de Charles Darwin, 1860-1870*; editadas por Frederick Burkhardt, Samantha Evans, Alison Pern; prefácio Sir David Attenborough. Trad. Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Editora da UNESP, 2009d.

DESMOND, Adrian; MOORE, James. *A causa sagrada de Darwin: raça, escravidão e a busca pelas origens da humanidade*. Trad. Dinah Azevedo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

DIAS, Vivian Catarina. *A teoria darwiniana e o desassombramento do monstruoso*. 2013. Disponível em: <www.2coninter.com.br/artigos/pdf/727.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Destinos do evolucionismo, heterocronias. In: _____. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____. Gestos memorativos, deslocados, reversivos: Warburg com Darwin. In: _____. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 193-212.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Então você pensa que é humano? Uma breve história da humanidade*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANCIONE, Gary L. *Introdução aos direitos dos animais: seu filho ou o cachorro?* Trad. Regina Rheda. Campinas: Unicamp, 2013.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade da psicanálise. In: _____. *Obras Completas - volume 14*. Tradução e notas Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOODALL, Jane. *A importância de Darwin*. <<http://www.elmundo.es/especiales/2009/02/ciencia/darwin/seccion5/seccion54.html>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

_____. *Uma janela para a vida: 30 anos com os chimpanzés da Tanzânia*. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

GOULD, Stephen Jay. *Darwin e os grandes enigmas da vida*. Trad. Maria Elizabeth Martinez. São Paulo: Martins Fontes 1999.

GRAY, John. *Cachorros de palha*. Trad. Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HEINE, Heinrich. *Viagem ao Harz: da obra Reisebilder (Quadros de viagem)*. Trad. Maurício Mendonça Cardozo. São Paulo: Editora 34, 2013.

JONES, Steve. *A ilha de Darwin*. Trad. Janaína Castilho. Rio de Janeiro: Record, 2009.

KING, Barbara J. Quando os animais incorporam o luto. *Scientific American Brasil*, Edição especial, n. 56, Vida animal, p. 19, dez./jan. de 2014.

LESSING, G. E. *Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia: com esclarecimentos ocasionais sobre diferentes pontos da história da arte*. Tradução, introdução e notas Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2011.

LESTEL, Dominique. *As origens animais da cultura*. Trad. Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

LIBERTAÇÃO ANIMAL. Edição Especial Vida Animal, *Scientific American Brasil* edição 56, dez./jan., 2014.

LORENZ, Konrad. *Fundamentos da etologia*. Trad. Pedro Mello Cruz e Carlos Alberts. São Paulo: UNESP, 1995.

MASSON, Jeffrey Moussaieff; McCARTHY, Susan. *Quando os elefantes choram: a vida emocional dos animais*. Trad. Sirley Marques Bonham. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

MAYR, Ernst. *Uma ampla discussão: Charles Darwin e a Gênese do pensamento evolutivo moderno*. Trad. Antonio Bandouk. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC, 2006.

MITHEN, Steven. *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. Trad. Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PIEVANI, Telmo. *Introdução à filosofia da biologia*. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

RIDDLEY, Matt. *O que nos faz humanos*. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ROSE, Michael. *O espectro de Darwin: a teoria da evolução e suas implicações no mundo moderno*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SINGER, Peter. *Ética Prática*. Trad. Álvaro Augusto Fernandes. Lisboa: Gradiva, 1993.

_____. *Libertação animal*. Trad. Marly Winckler e Marcelo Brandao Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SMUTS, Barbara. Reflexões. In: COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

STANFORD, Craig. *Como nos tornamos humanos: um estudo da evolução da espécie humana*. Trad. Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VIEIRA, António Bracinha. *Etologia e ciências humanas*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.

WAAL, Franz de. *A era da empatia*. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Eu, primata*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WARBURG, Aby. *Histórias de fantasmas para gente grande - escritos, esboços e conferências*. Trad. Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WILSON, David Sloan. *A Evolução para todos: como a teoria de Darwin pode mudar a nossa forma de pensar na vida*. Trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. Lisboa: Gradiva, 2009.

WILSON, Edward O. *A conquista social da Terra*. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *A unidade do conhecimento - Consiliência*. Trad. Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

ARTIGO RECEBIDO EM 29/02/2016 E APROVADO EM 20/05/2016